

2

A família e os adolescentes: ontem e hoje.

Neste capítulo, são discutidos alguns dos temas que fundamentam a nossa pesquisa, tais como: a noção de família e de adolescência. Para essa discussão, consideramos os aspectos sócio-históricos, os conceitos de geração e os de tradição, além de desenvolver algumas questões relativas à família com adolescentes na contemporaneidade. Trazemos, primeiramente, um histórico da noção de família e de adolescência, tendo em vista que o velho e o novo, o antigo e o arcaico, assim como o estudo das relações entre as gerações, são fundamentais para os objetivos dessa dissertação.

Além disso, para analisar as ressonâncias entre as gerações, sobretudo entre pais e filhos, detemo-nos na família com adolescentes, destacando a complexidade dessa etapa do ciclo de vida familiar, e o momento sócio-cultural em que essas famílias vivem.

2.1– A noção de família e de adolescência: aspectos socio-históricos

Não é nenhuma novidade afirmar que a família transformou-se e ainda está em transformação. Dessa perspectiva, Roudinesco (2003) considera que é possível ver e estudar a família através de duas óticas. A primeira é o estudo vertical, que enfoca as gerações e as filiações, ou seja, as continuidades e as discontinuidades entre os pais e os filhos da mesma família; a segunda diz respeito à visão antropológica, um estudo horizontal, que enfatiza o entrelaçamento entre as famílias, ou seja, o parentesco. Neste trabalho, privilegiamos o primeiro enfoque.

Até o século XVIII, o sentimento de família, o de infância e o de adolescência não existiam como os conhecemos atualmente. Desde então, houve transformações no entendimento dessas noções e a família passou a ser uma instituição central na vida dos sujeitos,

tornando-se palco de transformações e um continente não apenas social, mas, principalmente, emocional.

Segundo Ariès (1978), a família moderna e o sentimento de família surgem juntamente com o sentimento de infância e, posteriormente, surge o termo adolescência. Até o século XVIII, a família privilegia somente a transmissão de bens, valores e conhecimentos. Ariès (1981) afirma que “Cada pessoa nascia numa comunidade formada por pais, vizinhos, amigos, inimigos, pessoas que mantinham entre si relações que exigiam solidariedade” (p.13). Naquele tempo, a sociedade, mais do que a família, é quem determina o destino do indivíduo. O nome da família e os bens materiais compõem a importante base da transmissão familiar. O cuidado com as crianças destina-se apenas à sua sobrevivência, sendo responsabilidade da mãe ou da ama desempenhá-lo. Após o período inicial de desenvolvimento do bebê, não há nenhuma distinção entre o tratamento de crianças e de adultos: elas passam a ser tratadas como adultos em miniatura e espera-se que se comportem como tais. Nesse contexto, a função afetiva, fundamental e primordial, no entendimento da família de hoje, não é conhecida e nem mesmo valorizada.

No fim do século XVII, a escola e a educação passam a ter uma grande importância para a sociedade. Paulatinamente, os pais interessam-se pela educação dos filhos, sendo as tarefas escolares motivo de maior interação entre pais e filhos. Dessa forma, a família organiza-se em torno da criança, acompanhando-a: primeiramente, deve-se zelar e empenhar-se nas tarefas escolares e, mais tarde, a afetividade é destinada às crianças e aos jovens. Assim, nesse período da história, juntamente com as decorrentes transformações da Revolução Industrial, há também uma “grande revolução da afetividade” (Ariès, 1981, p.16), que, direcionada anteriormente aos deuses, aos santos, aos cavalos e aos cães, passa a se concentrar no interior da família, entre o casal e os filhos, objetos de um amor apaixonado que nem a morte poderia fazer cessá-lo.

Nesse cenário sócio-cultural, segundo Ariès (1978), o sentimento de infância e, conseqüentemente, o de família nascem um com o outro.

Como resultado dessa transformação afetiva, o número de filhos por casal passa a ser menor, ocasionando, assim, uma diminuição significativa da taxa de natalidade, para que o cuidado e o zelo destinados às crianças possam ser de qualidade satisfatória.

A noção de juventude e a de puberdade também vêm de épocas antigas. Ariès (1978) ressalta que ambos os termos já existem em outros tempos e em outras sociedades. Grossman (1998) afirma que a puberdade encontra-se descrita desde a Grécia Clássica, ou seja, “é tão antiga quanto o aparecimento do homem sobre a terra” (p. 3). Contudo, o significado de adolescência não é o mesmo que conhecemos atualmente.

Ariès (1978) afirma que a especificidade da juventude foi reconhecida em outros tempos e em outras sociedades, anteriores à era medieval. Apesar disso, a noção de adolescência, tal como a conhecemos hoje, aparece somente a partir do século XVIII. Até aproximadamente o fim do século XVIII, as crianças são consideradas pequenos adultos, recebendo os jovens e os púberes a mesma descrição. O sexo e a capacidade de procriação definem a entrada da criança na fase adulta. A infância não é valorizada e pertence a esta fase apenas quem tem uma relação de dependência e necessita de cuidados. Quando as crianças superam o período de risco de mortalidade, já são consideradas adultas e não necessitam mais do mesmo zelo do que os demais (Ariès, 1978).

Segundo Ariès (1978), uma nova organização dos conceitos de infância, de adolescência e também de família surgem a partir do século XVIII. Essa nova configuração altera-se aos poucos, o que ocorre devido a três fatores. O primeiro deles é a maior interferência do Estado e da justiça no espaço social; o segundo, é a criação da escola, que constitui diferenças entre a infância e a adolescência, além de modificar a relação entre os membros da família, aproximando-os; e, por último, o estabelecimento de novas formas de religião que exigem dos fiéis uma maior devoção, o que também propicia um distanciamento maior entre os indivíduos das comunidades. As transformações sociais exigem de todos os membros uma nova atitude. A família do fim do século XVIII e

início do século XIX, influenciada também pela grande revolução da afetividade (Ariès,1981, p.16), volta-se para a criança e valoriza a educação, a saúde, a higiene e os laços que fortalecem os elos familiares. Dessa forma, os valores familiares são alterados gradualmente. As diferenças entre as noções de adolescência, juventude e puberdade encontram-se no interior dessa mudança, que inclui a família e seus componentes.

2.1.1– As noções de adolescência, juventude e puberdade.

A partir do século XVIII, as noções de adolescência e de infância, até então confundidas, passam a ser discriminadas, iniciando, assim, uma nova maneira de ver tal faixa etária. Após essa dissociação, a adolescência é reconhecida como uma etapa intermediária entre a infância e a vida adulta, sendo compreendida de uma maneira diferente, tanto pela família quanto pela sociedade.

No século XIX, a figura do adolescente passa a ser delineada com maior precisão. Além disso, avanços tecnológicos, advindos da Revolução Industrial, tornam-se parte do mundo mais rapidamente. As definições de gênero passam a ser bem delineadas, bem como os papéis de crianças e de adolescentes. Um duplo movimento permeia as relações entre pais e filhos: ao mesmo tempo em que há um crescente investimento nos filhos, identificados como o futuro da família, pois são os portadores do nome, dos bens e das tradições familiares, a nova visão dos filhos, como objeto de amor da família, é privilegiada.

A juventude, neste momento, começa a despertar curiosidade em relação aos seus pensamentos e ideais, expandindo-se por todo o mundo. Essa expansão ocasionou o surgimento de pesquisas sobre o que pensam os jovens, estimulando, na sociedade, o desejo de alcançá-la e permanecer por muito tempo nesta fase. “A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (Ariès, 1978 p. 46). Desse modo, a adolescência é a idade que deixa para trás a infância, afastando-a, ao mesmo tempo em que adia a chegada na maturidade.

Essas diferentes denominações apresentam-se, para alguns autores, como sinônimos. Contudo, muitos deles afirmam que os mesmos termos incluem diferentes e importantes considerações, especificando as diferentes formas de conceituar, compreender e entender a adolescência (Levi e Shimitt, 1996; Ruffino, 2006; Birman, 2006).

Para exemplificar as transformações das noções de puberdade, juventude e adolescência ao longo dos anos, recorreremos aos dicionários da língua portuguesa.

As definições de adolescência, juventude e puberdade, importantes para a problemática apresentada nessa dissertação, aparecem nos dicionários de forma diferenciada em certos aspectos; porém, em outros, possuem similaridade. Nota-se que, nas definições encontradas no *Dicionário de Língua Portuguesa Caldas Aulete*, datado do ano de 1958, os aspectos emocionais da fase adolescente não são citados e nem relacionados a nenhum dos termos, juventude e puberdade. Já no *Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Eletrônico* (1999) e o *Houaiss Eletrônico* (2001) os aspectos psicológicos fazem parte da caracterização dos termos: “período da vida humana que se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas” (Aurélio Eletrônico). Nota-se, através dessa comparação, que em função do tempo histórico e da valorização das características emocionais da adolescência, os dicionários mais recentes incluem, em sua acepção, as mudanças psicológicas que essa fase implica.

Tanto no Aurélio Eletrônico (1999) quanto no Houaiss Eletrônico (2001), o termo puberdade vincula-se aos processos biológicos, ao passo que a adolescência e a juventude relacionam-se à passagem da infância para a fase adulta.

No *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete* (1958), a adolescência é designada como período que sucede o da puerícia, abrangendo desde os 14 aos 25 anos de idade. O termo puberdade, no mesmo dicionário, é considerado como a época da vida humana em que o indivíduo adquire aptidão para a procriação: estado de púbere, época da puberdade, quando começa a ter barba ou pelos finos. Já o termo juventude, refere-se a uma aproximação do estado adolescente: idade juvenil, adolescente, adolescência.

No dicionário Aurélio (1999), a adolescência é caracterizada tal como descrita acima, contudo, abrange jovens entre 12 e 20 anos. O dicionário Houaiss Eletrônico (1999), por sua vez, caracteriza a adolescência como “momento de alguma coisa que se caracteriza pelo viço, pelo frescor; juventude, mocidade”. Nota-se que as idades que compreendem a adolescência são diferentes se contextualizadas temporalmente, apresentando uma importante divergência para situar a faixa etária. Além disso, o dicionário mais atual, refere-se ao “momento de alguma coisa”. Essa expressão apresenta-se não definida. Refere-se ao momento do desenvolvimento humano, porém, passa a idéia de uma indefinição, confusão ou a dificuldade de uma caracterização precisa.

No dicionário Aurélio Eletrônico (1999), os aspectos emocionais fazem parte das definições dos termos, demarcando a influência das mudanças sociais na transformação dos termos. As definições de dicionários mais recentes, evidenciam a visão de um processo contínuo, não mais a visão de fases estanques e seqüenciais.

De modo geral, a puberdade é mais bem caracterizada do que os outros dois conceitos. A adolescência e a juventude possuem significados semelhantes e uma noção remete à outra. Além disso, os dois últimos termos são descritos em poucas palavras e com expressões vagas, que explicitam, no nosso ponto de vista, a complexidade de cada um.

Para Birman (2006), juventude pode ser caracterizada pela palavra complexidade, pois pressupõe uma multiplicidade de temas. Corroborando essa idéia, Levi e Schmitt (1996) afirmam que o termo juventude, por si só, já apresenta problemas, por ser “algo irreduzível a uma definição estável e concreta” (1996, p. 8). Para os autores, o termo juventude encontra-se entre a dependência da infância e a autonomia da fase adulta, ou seja, é uma fase de transição e mudanças. Os autores afirmam ser a juventude uma construção social e cultural. Eles asseguram que, em nenhum momento da história, a juventude pode ser definida somente de acordo com critérios biológicos e/ou jurídicos, frisando a importância de uma visão sócio-histórica para a compreensão desse conceito. Ruffino (2006) corrobora tal idéia e afirma

que a juventude é definida como “a expressão do cenário social do conjunto dos sujeitos humanos que estão às voltas com o processo psíquico da adolescência, o que inclui o púbere, depois o chamado *teen-ager*, e também o jovem adulto” (2006, p.11).

Grossman (1998) afirma que, ao longo do século XIX, a adolescência é reconhecida como um “momento crítico” da existência humana. A adolescência é temida como uma fase de riscos potenciais para o indivíduo e para a sociedade, tornando-se, assim, tema de estudos de médicos e educadores. O comportamento e as transformações sexuais da fase adolescente são os detonadores desses estudos. A puberdade designa este período como um momento repleto de transformações físicas para o sujeito. Diante disso, “a adolescência é distinguida como uma zona de turbulência e contestação, contituindo-se em uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias” (1998, p.5).

No século XX, um grande período de mudanças se estabelece no mundo como um todo. O período de guerras deixa, sem dúvida, marcas nas sociedades, principalmente para os jovens. Os anos da década de 1960 inauguram um momento de diferente mobilização e contestação social. Indo contra todas as organizações criadas pelas gerações anteriores, os jovens dos anos 60 organizam-se e se transformam em um grande grupo que tem o foco da contestação radical: lutando para destruir o velho e impor o novo.

“Os jovens passariam a destruidores radicais de tudo o que estivesse estabelecido e consagrado: valores, instituições, idéias e tabus. Seria, então, delineado um movimento de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas, envolvendo os EUA, a Europa e diversos outros países de fora do mundo desenvolvido.” (Grossman,1998, p.6)

Hoje, no século XXI, os adolescentes são reconhecidos como produtores de novidades, agentes das mais atuais tecnologias e capazes de manipulá-las com habilidade. As mudanças sociais, econômicas, relacionais e culturais, ocorridas em um espaço de tempo

cada vez mais curto, definem o mundo em que os jovens e adolescentes habitam e administram.

Assim, elegemos a família com adolescentes, pois acreditamos que ela espelha peculiaridades do mundo contemporâneo. É através dela que podemos ver as diferenças, as especificidades e também a complexidade dessa fase no mundo atual. Desejamos promover uma discussão sobre a relação entre as gerações no interior da família, assumindo a fundamental importância de entender o passado para podermos olhar o futuro. Considerando essa perspectiva, discutir o conceito de família, mostra-se também fundamental, salientando a sua complexidade e articulação com as noções de adolescência, juventude e puberdade.

2.1.2 – A complexidade da noção de família.

As noções de infância, de adolescência, de juventude e de família referem-se a conceitos construídos culturalmente, que se transformam ao longo dos diferentes momentos da história. Nesse sentido, são conceitos construídos e relativos a uma cultura, a uma civilização e a um tempo.

A definição de família, no Dicionário da Língua Portuguesa Larrousse Cultural (1992), inclui os aspectos de filiação, de linhagem e de consangüinidade. Rocha-Coutinho (2006) afirma que “a família deve ser entendida em sua complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos” (p. 97). Esta autora enfatiza que o conceito de família pode ser visto por dois prismas: o primeiro está atrelado a um grupo social concreto e delimitado e o segundo perpassa os discursos sociais, incluindo as construções ideológicas vigentes no meio cultural em que o grupo se insere. Para a autora, a família, compreendida em um determinado meio social e em um determinado tempo histórico, não pode ser vista fora do contexto, sendo constituída como um importante ponto de referência para a construção das identidades sociais.

As famílias podem ser definidas, para Rocha-Coutinho (2006), como:

“Unidades de relações sociais e de produção tanto biológica quanto ideológica, no sentido de que é nelas que os hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento são transmitidos e questionados. Como espaço de convivência, a família é o lugar das trocas afetivas e de informações e das decisões coletivas, como as que dizem respeito aos interesses comuns, como lazer e consumo...” (pag. 96)

Neste mesmo sentido, Sarti (1999) define família como o lugar onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constroem a auto-imagem e a imagem do mundo exterior. Para a autora, a família é um “filtro” pelo qual o mundo é visto e significado:

“Realidade, que se constitui pela linguagem socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, torna-se um campo privilegiado para pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto entre o mim e o outro” (1999: 3).

Corroborando estas idéias, Castilho (2003) afirma que a família é um lugar de aprendizado, de construção de identidade e de reconhecimento da diferença. Nesse sentido, ambas as autoras apontam que a família possui uma função organizadora.

Sarti (1999) considera a família como uma “realidade de ordem simbólica”, pois ela se define pelos significantes que as relações criam. Para essa autora, as relações e os vínculos são os alicerces do conceito de família. Ela afirma que “se pensarmos na constituição do sujeito a partir da linguagem veremos que é a família que introduz o indivíduo nesse contexto”. É a linguagem que inicia o sujeito no campo das relações e dos vínculos e a família é ordenadora e possibilitadora de sentidos das experiências vividas, constituindo-se como o alicerce da identidade.

Além de apresentar uma definição conceitual complexa, a família é uma instituição social fundamental para a construção da subjetividade. Ressaltamos a importância da família no entendimento de questões subjetivas e de que, hoje, os aspectos emocionais estão na

base da definição de família. As noções de coesão do grupo familiar e sua continuidade compõem a conceituação de família; as relações, os vínculos, os sentimentos, marcam essa compreensão. Ademais, a relação entre o individual e o meio ambiente apresenta-se como ponto nodal para o entendimento deste conceito.

Consideramos que a subjetividade e a família fundam-se nas circunstâncias históricas, culturais e sociais. Diferentes histórias, contextos, sentimentos, ideais, gerações e vínculos compõem o significado tanto da família quanto da subjetividade. Todos esses aspectos estão intimamente ligados e relacionam-se entre si quando abordamos o tema família com adolescentes. Como afirmam Benicá e Gomes (1998) “a família é um organismo mutável, que transforma e é transformado pela sociedade”.

Na mesma linha de raciocínio, Velho (1987) relaciona família e subjetividade e define que família é “uma instituição fundamental no processo de subjetividade. Ela será de algum modo construída, elaborada ou desenvolvida” (1987, p. 80).

Roudinesco (2003) afirma que a família moderna se impõe em torno do ano de 1960, ou seja, no século XX. A autora aponta as diferenças entre a família tradicional e a moderna e afirma que a primeira continua com a incumbência de transmitir valores e assegurar o patrimônio das famílias, além de basear-se na autoridade, promovida pela figura central, que é o pai. Já a família moderna, conquista novos espaços, calcando-se, sobretudo, no amor romântico e na divisão de tarefas entre os cônjuges.

Castilho (2003) aponta que pensar a família é aproximá-la de um paradoxo entre “mudança/estabilidade”. Confrontada com a convivência entre as gerações, a família com adolescentes evidencia esse paradoxo à medida que a adolescência dos filhos traz à tona conflitos geracionais, freqüentemente desestabilizadores da família.

Toda família vivencia o processo da passagem do tempo que acompanha a idade de todos os seus membros. Dessa forma, apresenta-se nitidamente a influência que as demais gerações têm para a geração atual e vice-versa. Durante tal processo, seus membros são

obrigados a passar por momentos de transição necessários e pertinentes ao ciclo vital familiar, que é diferente para cada indivíduo. Nesses momentos, a integração entre o velho e o novo se faz presente para todas as gerações envolvidas. Este é um aspecto fundamental ao enfocarmos a família com adolescentes: a importância da passagem do tempo, a integração do antigo e do novo, do moderno e do arcaico, das tradições e das gerações.

Costa (2004a) afirma ser banal constatar que a “família vai mal” (2004, p.11). Segundo ele, as explicações da desestabilização da família são inúmeras e passam pelo afrouxamento dos laços conjugais, pelo enfraquecimento da autoridade dos pais, pela emancipação da mulher, pelo conservadorismo do homem, pela repressão à infância, pelo excesso de proteção aos filhos e pela falta de amor.

Nesta linha de pensamento, Costa afirma que a família estaria perdendo as regras que mantinha a família coesa nos tempos anteriores, vivenciando, assim, um “rude impasse” (2004a p.11). As funções propiciadas pelo ambiente familiar, como carinho e proteção, não são mais estimuladas. Para o autor, o lar moderno passou a fomentar guerra entre os sexos e as gerações. Desse modo, causa desestabilidade na família, o desaparecimento dos antigos valores, independentemente do surgimento de novos, que não são encontrados para substituir os antigos.

Julien (2000), Costa (2004a) e Ruffino (2005) são alguns dos autores que discutem o desaparecimento de valores “tradicionais”, importantes referenciais para a estabilidade da família.

A “tradição” familiar remete-se à comunidade tradicional, conforme mencionado por Ariès (1991):

“a comunidade que enquadra e limita o indivíduo – a comunidade rural, a cidadezinha ou o bairro – constitui um meio familiar em que todo mundo se conhece e se vigia (...) o único espaço habitado e regulamentado segundo determinadas leis” (1991, p. 7 e 8).

No Dicionário da Língua Portuguesa, tradição define-se como o ato ou o efeito de transmitir ou entregar, sendo, sobretudo, uma

transmissão oral, uma transmissão de lendas, de fatos, etc., caracterizando o costume de transmitir, de geração em geração, um conjunto de valores. Roudinesco (2003) aproxima-se dessa definição e considera a tradição familiar calcada na necessidade de transmitir e assegurar o patrimônio das famílias.

Para Ruffino (2005), a comunidade tradicional refere-se a tudo o que não foi afetado pelo acontecimento da modernidade e da sociedade moderna, ou seja, tudo aquilo que não sofreu as transformações que vêm-se operando ao longo da história.

Os papéis bem delimitados, os papéis de gênero, próprios da família patriarcal, são relacionados às sociedades tradicionais. Segundo Ceccarelli (2007), eles ainda estão em vigor como um modelo de organização familiar, influenciando as famílias contemporâneas.

Para Giddens (2001), o caráter ritualístico assim como o normativo e o moral definem o conceito de tradição. Através da tradição é indicado o que se é e o que se deve ser, oferecendo uma segurança aos que aderem e crêem nela. Porém, ao mesmo tempo em que as tradições oferecem segurança, elas também produzem a falta de diálogo, a impossibilidade da introdução do novo e do diferente. A transformação da tradição, para o autor, está relacionada à transformação da natureza, que é entendida como o meio ambiente e os eventos ocorridos independentes da ação do homem.

Cada geração, em cada momento da história, tem suas concepções, suas idéias e seus sentimentos. Quando falamos da sociedade contemporânea, referimo-nos a valores passíveis de transformações ou revalorizações devido às mudanças rápidas e contínuas que a sociedade vem sofrendo atualmente. Como exemplo, podemos citar os avanços tecnológicos, que contribuem para a complexidade do estudo das famílias com adolescentes, já que afetam os modos de relacionamento e de vínculo estabelecidos entre os seus membros.

2.2 – A família com adolescentes hoje

Quando nos referimos à família com adolescentes ou jovens, aludimos a um grupo que vivencia uma metamorfose familiar, tanto no que se refere às questões sócio-culturais quanto no que diz respeito aos aspectos emocionais.

Com a rapidez das mudanças ocorridas na contemporaneidade, os pais experimentam desempenhar suas funções em um cenário muito diferente do que vivenciaram em suas famílias de origem. Assim, ressaltamos, nesse panorama complexo, as diferenças entre as gerações. Não é novidade afirmarmos que a geração passada é diferente da geração atual. Contudo, podemos constatar que importantes aspectos relacionam-se, ao discutirmos a definição de geração.

No dicionário Larrouse Cultural (1992), o termo geração é definido como: descendência, linhagem, genealogia, conjunto de pessoas da mesma idade e da mesma época. Já os autores Benicá e Gomes (1998) e Rocha-Coutinho (2006) apontam que outros aspectos, tais como os históricos, os culturais, os biológicos e os psicológicos relacionam-se à definição e à compreensão do conceito de geração.

Rocha-Coutinho (2006) define o termo geração como sendo um grupo de pessoas com idades semelhantes. Benicá e Gomes (1998) acrescentam que as pessoas da mesma geração “vivenciam uma problemática histórica e concreta de experiências comuns com o sistema político, social, econômico e cultural” (1998, p. 179). Rocha-Coutinho (2006) enfatiza que, do ponto de vista psicológico, o termo geração refere-se à expressão de valores e de padrões de comportamento. A autora aponta que esses comportamentos e valores fazem parte das identidades sociais e pessoais desses sujeitos. Contudo, os valores não são fixos e podem mudar, à medida que eles interagem com novos valores e padrões, surgidos ao longo do tempo.

Castilho (2003) chama atenção para a maior longevidade dos sujeitos hoje em dia e afirma que, cada vez mais, diferentes gerações se relacionam. A autora ressalta que as gerações apresentam

diferenças e, quanto mais definidas forem as fronteiras geracionais, mais fácil será o relacionamento entre elas.

A partir dessas considerações acerca das gerações, indagamos como será a adolescência de hoje na visão dos pais? Como será que os pais dos adolescentes da contemporaneidade vêem a adolescência dos seus filhos? E quais seriam as diferenças entre as suas adolescências e as de seus filhos?

Constata-se que há divergências de opiniões sobre a descontinuidade dos valores e comportamentos de uma geração para a outra. Enquanto alguns autores falam de uma semelhança entre esses valores e os comportamentos, ou seja, acreditam em uma reedição de modelos de uma geração para a outra, outros apontam, ao contrário, uma diferença entre os dois tempos (Rocha-Coutinho, 2006).

A divergência mencionada acima fica mais evidente quando falamos do contexto atual - a contemporaneidade. A sociedade contemporânea, marcada por uma intensa velocidade de transformações e por valores sociais tais como: o individualismo, o consumismo, a busca do prazer a todo o custo e a descartabilidade dos afetos e dos produtos, afeta os modos de viver, de se comunicar e de se relacionar.

A sociedade, antes marcada pelas instituições tradicionais, agora perde seus valores e confronta-se com os valores contemporâneos da rapidez, da fluidez e do provisório. Para Venturi, Barbosa e Pinheiro (2006), nos séculos XIX e início do XX, a tradição é um valor estruturante e configurador de um determinado tipo de subjetividade. Desse modo, as referências externas não cambiam com velocidade. Já na atualidade, embaralham-se, velozmente, os modos de ser, pensar, agir, morar, vestir-se e comportar-se.

A intensa velocidade das transformações marca, de forma peculiar, o mundo contemporâneo. Percebe-se este fenômeno no avanço tecnológico, assim como no surgimento de diferentes configurações familiares. Bauman (2004) afirma que o mundo habitado por nós é um mundo repleto de sinais confusos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível. Ele ressalta que este mundo é

vivido como incerto, incontrolável e assustador devido à velocidade das mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e culturais do cotidiano.

Bauman (2004) observa ainda que as relações amorosas e os vínculos familiares estão sendo afetados por uma grande ansiedade provocada por essas mudanças. Saggese (2000) afirma que as mudanças sociais e históricas não são apenas mudanças, elas têm a capacidade de transformar subjetivamente os sujeitos e as suas relações. Segundo ele:

“Todas as conquistas modernas que desestabilizaram as certezas do homem produziram angústia e liberdade. As questões da vida pós-moderna apenas desarticulam mais uma das nossas certezas: a ilusão de que já sabíamos o que era o homem” (p.259).

A fluidez e a liquidez dos sentimentos na vida da sociedade contemporânea são aspectos enfatizados por Bauman (2004). Idéias de liquidez, maleabilidade, fragmentação e ambigüidade compõem o cenário pós-moderno. O autor reitera que tais características produzem, nos sujeitos contemporâneos, um mal-estar e uma ansiedade profundos diante das características do mundo atual.

A contemporaneidade, segundo Giddens (1991), é caracterizada como um momento de desorientação, repleto de discontinuidades. Há uma “evaporação do enredo dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível” (p. 14). O autor identifica três características que geram esta descontinuidade. A primeira delas é uma referência ao ritmo das mudanças atuais, comparado ao ritmo das mudanças do período inicial da modernidade. A segunda, diz respeito ao escopo da mudança – as conexões através do mundo propiciam transformações em toda a superfície da Terra. Por fim, a terceira característica faz referência à natureza intrínseca das instituições modernas, ou seja, às diferentes formas de produção e à completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho.

Corroborando a idéia de Giddens (1991), Birman (2003) e Bauman (2004) também avaliam as transformações que compõem o

cenário do mundo contemporâneo, referindo-se às trocas afetivas. Birman acrescenta que “os destinos do desejo assumem uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas” (2003, p. 24). Partilhando dessas idéias, Saggese (2000) enfatiza que o individualismo é uma característica da contemporaneidade. Ele acrescenta que o sujeito do mundo contemporâneo tem o dever de procurar os seus próprios valores e fazer suas próprias escolhas, pois o mundo de hoje está desprovido de valores fixos.

Comparando o cenário histórico apresentado inicialmente e o cenário da contemporaneidade, percebe-se que as famílias estreitam-se, diminuem o número dos seus membros, transformam seus valores, e assim, mudam seu modo de viver (Jablonski, 1991). Nesse sentido, o processo de interação e de investimento que marcam a sociedade contemporânea é representada, por Jablonski (1991), pela idéia de “fam-ilha”. Para o autor, formato de ilha demonstra uma diminuição do tamanho da família, um maior isolamento e introspecção entre os membros em relação à sociedade e aos demais parentes.

Assim, no contexto contemporâneo, as famílias diminuem, se isolam e surgem os sentimentos de desorientação, desamparo e esmaecimento (Giddens, 1991; Bauman, 2004; Ruffino, 2005; Birman, 2003; Roudinesco, 2003).

Ruffino (2005) associa o desamparo à passividade frente às transformações, já que os sujeitos contemporâneos apenas respondem às exigências do mundo. Frente a essas exigências, o sujeito da contemporaneidade exclui o estável e o durável, valorizando por sua vez, a flexibilidade e o novo. Deste modo, o sujeito que vivenciam este tempo histórico

“...se vê diante da obrigação de criar internamente, dia após dia, as próprias referências de identidade, sem que se possa contar com os referenciais externos – que se tornam frágeis, fugazes, instáveis e cada vez menos consistentes”. (Venturi, Barbosa, Pinheiro, 2006, p. 113).

A estranha sensação de deriva se impõe, pois os laços afetivos e os ideais sociais apresentam-se enfraquecidos, obrigando a cada sujeito, individualmente, criar seus próprios referenciais. Apesar da extrema liberdade que essa condição proporciona, o preço a ser pago é o de uma grande insegurança.

Nesse contexto, as famílias com adolescentes, vivendo no Rio de Janeiro, se deparam com situações comuns aos grandes centros e com situações específicas. Guardadas as devidas diferenças entre os países e as cidades, o Rio de Janeiro sofre transformações de um grande centro urbano do mundo contemporâneo. Discutimos, brevemente, as características presentes nessa cidade com o intuito de situar alguns aspectos importantes. Nossa perspectiva é a da importância de localizar a pesquisa em um determinado contexto. Não pretendemos esgotar o assunto, mas afirmar a relevância e a especificidade de cidades, como o Rio de Janeiro, que afetam o modo de vida de seus habitantes.

Como afirma Vianna (2003) no livro *Galeras Cariocas*, a situação social se agravou nos últimos dez anos. Corroborando esta idéia, Costa (2004b) afirma que a violência é um dos aspectos que vem captando a atenção da vida urbana brasileira e frisa: “a violência, por seu turno, dispensa comentários. O noticiário do dia-a-dia fala por si”. (p. 131). Dessa forma, não é novidade, para quem vive em um grande centro urbano, questionar-se sobre a violência que o acomete, sobre o aumento da mortalidade de jovens em acidentes de carro, sobre as drogas e a insegurança na qual se vive. Pensar a fundo em toda essa problemática, leva-nos a concluir que há uma relação entre elas.

A intensa velocidade das transformações, que caracteriza o mundo contemporâneo (Bauman, 2004), pode ser parte da explicação que interliga esses aspectos, fazendo-nos compreender que os aspectos sociais se agravam com o passar do tempo, juntamente com as mudanças históricas e culturais, que descrevemos anteriormente. Para Costa (2004b), fatores como o aumento da pobreza, devido à concentração de renda, e a desorientação pessoal, devido à perda dos valores tradicionais, aparecem como acionadores desta problemática. Por vivenciarmos as particularidades do mundo contemporâneo, em

uma cidade como o Rio de Janeiro, podemos perceber que os efeitos da violência causam à população diferentes impactos. As famílias vivem as crescentes influências do mundo contemporâneo e atualizam essas mudanças, pois há uma ligação entre os aspectos culturais, os históricos, os sociais e os subjetivos.

Njaine e Minayo (2004) afirmam, a partir de pesquisas feitas em diversos países, inclusive no Brasil e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, que a mídia tem um papel importante nos efeitos da violência, segundo os adolescentes. De acordo com os entrevistados, essa influência ocorre, pois a mídia distorce os fatos e estimula o consumismo. Quando as autoras referem-se à violência, dizem respeito à insegurança que assalta os cidadãos dos grandes centros urbanos brasileiros, tal como o Rio de Janeiro. Essa insegurança é sentida e vivenciada por todos, principalmente, as famílias de adolescentes que estão inseridas nesse contexto de transformação social e, ainda, emocional.

Somada a estes fatores, a facilidade tecnológica aparece como outro aspecto. Pinheiro (2001) aponta para a passividade do sujeito contemporâneo frente às tecnologias e aos bens de consumo. Ela afirma que a ditadura do “ter” em detrimento ao “ser” apresenta os valores frágeis da sociedade contemporânea. A invasão de computadores, laptops, internet, e-mails e celulares desafiam e modificam o relacionamento e a comunicação entre os familiares (Hintz, 2007).

A utilização de instrumentos que tomam tempo, excluem outros modos de contato e interação, pode gerar um distanciamento entre os membros da família, afetando a privacidade e a intimidade da mesma. Com isso, a família precisa repensar novos significados e valores que se impõem frente às características contemporâneas.

Hintz (2007) analisa que a inserção dessas tecnologias pode ser utilizada como um recurso, facilitando e melhorando a qualidade de vida, e, igualmente, como facilitador do conhecimento e de novas formas de comunicação. Por outro lado, pode causar dificuldades no relacionamento familiar. O nível de exposição pessoal e os riscos

aumentam. Determinadas mudanças marcam cada época, cada momento da história, cada geração, cada cidade. Hoje, temos uma visão de família que contém a herança de séculos passados, mas podemos notar que foram incorporadas outras características e outras idéias. Quando se fala de famílias com adolescentes, na contemporaneidade, muitas questões se impõem. A contemporaneidade apresenta para os sujeitos inúmeras situações, tais como as expectativas frente a novas configurações familiares e os novos sentimentos, diante de uma nova e diferente maneira de se viver, imposta pelas mudanças dos tempos. Os sentimentos, as mudanças subjetivas, as novas formas de relação e de vinculação, que se criam, fazem-se presente no dia de hoje, compondo o objeto deste estudo.